

O ensino de história em educação patrimonial a partir da (re)construção de narrativas e a representatividade feminina no processo educativo

Teaching history in heritage education from narrative (re)construction and female representativity in the educational process

Ana Carolina Martinez

Licenciada em História

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ana.c.martinez@hotmail.com

Recebido em: 28/02/2020

Aprovado em: 01/04/2020

Resumo: O ensino de história em educação patrimonial permitiu a construção da exposição "Quem conta um conto aumenta um ponto: o imaginário da cidade de Porto Alegre" no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, um espaço onde mediadores e educandos construíram juntos conhecimentos referentes ao imaginário da cidade de Porto Alegre, em especial à lenda da Maria Degolada. A partir da exposição, foi possível (re)construir as narrativas sobre Maria Francelina/da Conceição/Degolada, observando como sua identidade, enquanto mulher e vítima, foi sendo transformada no decorrer do processo histórico. Em vista disso, este artigo tem por objetivos perceber a importância da representatividade feminina para o processo educativo a partir da análise do caso vivenciado no Museu da Comunicação, compreendendo a importância da presença feminina enquanto educadora na construção de debates de temas como feminicídio e questão de gênero a partir da exposição, e perceber como o ensino de história atua na reconstrução de narrativas com temas sensíveis para estudantes mulheres.

Palavras-chave: Gênero; Representatividade; Narrativa.

Abstract: The teaching of history in heritage education allowed the construction of the exhibition "Who tells a story increases one point: the imaginary of the city of Porto Alegre at the Museum of Communication Hipolito José da Costa, a space where mediators and students have built together knowledge related to the imaginary of the city of Porto Alegre, especially the legend of Maria Degolada. From the exhibition, it was possible to (re)construct the narratives about Maria Francelina/da Conceição/Degolada, observing how her identity as woman and victim was being transformed during the historical process. In view of this, this article aims to understand the importance of female representativeness for the educational process from the analysis of the case experienced at the Museum, understanding the importance of the female presence as an educator in the construction of

debates on themes such as femicide and the issue of gender from the exhibition and understand how the teaching of history works in the reconstruction of narratives with sensitive themes for female students.

Keywords: Gender; Representativeness; Narrative.

Introdução

Cadê meu celular?
Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome
E explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo
Se você se aventurar
Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
[...]
Eu quero ver
Você pular, você correr
Na frente dos vizim
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Elza Soares - Maria de Vila Matilde

O estágio de docência em História - Educação Patrimonial, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, permitiu a construção de um espaço no museu constituído a partir da perspectiva da mediação participativa.¹ A exposição "Quem conta um conto aumenta um ponto: o imaginário da cidade de Porto Alegre" desenvolvida e exposta no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, permitiu um espaço onde mediadores e educandos construíram juntos conhecimentos referentes ao imaginário da cidade de Porto Alegre, em especial à lenda da Maria Degolada. Ao apresentar as diferentes narrativas produzidas sobre esta história, os visitantes foram convidados a analisar criticamente como as narrativas se transformam ao longo do tempo, como as questões de gênero se relacionam com as narrativas e como o conhecimento histórico é construído a partir de uma lenda.

¹ O conceito de mediação participativa utilizado para a construção do projeto foi o trabalhado por Nina Simon, onde ela elabora que o trabalho feito de forma participativa no museu deve servir para algo dentro do museu. SIMON, Nina. The participatory museum. Disponível em: www.participatorymuseum.org/> Acesso em: 02 abr. 2017.

A exposição partiu da perspectiva decolonial de patrimônio, baseado no texto de Átila Bezerra Tolentino (2018) sobre Educação Patrimonial Decolonial. O patrimônio, como observa o autor, é muito além da visão marcada pela prática eurocêntrica e colonialista, pautada na ideia de monumento e marcado, no Brasil, por estruturas como engenhos, fortalezas militares ou igrejas. A mediação partiu da perspectiva de que o patrimônio parte de referências culturais de diferentes grupos sociais e rompe com as lógicas homogeneizantes da identidade nacional (TOLENTINO, 2018).

A construção coletiva e democrática do conhecimento sobre o imaginário da cidade de Porto Alegre contou com a participação dos diferentes atores no processo, tanto de educandos e educadores como de instituições públicas e a comunidade local. O desenvolvimento da exposição sobre a lenda da Maria Degolada se enquadra na decolonialidade de Tolentino na medida em que reconhece o Patrimônio Cultural como “produto das relações sociais e dos significados que os indivíduos lhe atribuem” (2018, p. 56). Não sendo portando marcada por uma visão de patrimônio como monumento, mas de patrimônio também como lendas e locais dentro da comunidade Porto Alegrense.

O Patrimônio Cultural que constitui a memória e a história local não é compreendido aqui como mera representação do passado, mas enquanto seu papel educativo de transitar entre o passado e o presente. A letra da canção de Elza Soares, relacionada à discussão sobre a Maria Degolada, permite perceber e vincular o caso com a violência sofrida pelas mulheres no século XXI. A educação patrimonial é um recurso para a compreensão sócio-histórica das manifestações culturais e tem como processo educativo a construção coletiva do conhecimento (FLORÊNCIO, 2014, p. 19). Ela é compreendida como um processo de mediação, onde não há uma simples transmissão do conhecimento já construído, mas sim, conforme aponta Paulo Freire (2011), como um lugar de construção do conhecimento a partir do diálogo, valorizando os saberes populares.

O ensino de História se relaciona com a educação patrimonial na medida em que a educação escolar acontece também por meio do diálogo com os espaços culturais (SIMAN, 2003). Problematizando os usos sociais da memória da lenda da Maria Degolada, questiona-se ações, relações e produções sociais no tempo e como elas se relacionam com a comunidade porto alegrense. A partir da exposição de determinados elementos da lenda, foi possível gerar relações entre os educandos e o espaço de educação patrimonial, não como apropriação, mas também como interação. Como observado por Simone Scifoni, a educação patrimonial “implica em um processo de diálogo a partir

do qual se aprende/ensina, no qual se apreende os sentidos locais conferidos aos bens e lugares, os saberes populares, as relações estabelecidas com as coisas” (SCIFONI, 2019, p. 30-31).

Lana Mara Siman afirma que deve haver uma relação entre o espaço escolar, a vida social e o museu. A autora critica o tradicional papel vinculado ao museu, em que o aluno passa por uma experiência de “reverência e distanciamento com o acervo”, agindo de forma passiva e contemplativa. A “pedagogia do não”, de não tocar, não conversar e não correr, junto com a falta de tempo e propósito na visita do acervo impossibilita uma relação entre os educandos e o espaço de educação patrimonial (SIMAN, p. 186). A impossibilidade de uma relação ativa dos sujeitos no processo educativo impossibilita a construção de sentido do conhecimento ali apresentado.

O silêncio do educador no museu possibilita a surpresa e as indagações. A interação não se dá então de forma passiva. Para Siman (2003), é aí que se dá a interação, quando sujeito e objeto se encontram nesse silêncio inicial. A autora aponta os objetos como portadores de memórias e que também expressam as temporalidades das sociedades. Eles contribuem para a compreensão das muitas faces das experiências sociais e históricas dos sujeitos, promovendo e ressignificando os conhecimentos prévios dos estudantes, como proposto na mediação aqui apresentada. Ao apresentar diferentes formas de narrativas através dos objetos históricos, criou-se uma interação na qual o estudante conectou o que observava com sua realidade. Podendo assim interagir com as diferentes formas de se contar histórias, inclusive pensando em suas próprias histórias.

A produção da mediação surgiu a partir da solicitação de uma professora que ministra a disciplina de educação patrimonial do curso de história da UFRGS. O museu já possuía uma exposição montada que contava a história da produção cinematográfica, denominada “Do Fotograma ao Cinema”, na qual muitos dos equipamentos que foram utilizados pelos produtores técnicos e diretores de cinema do decorrer do século XX estavam expostos. Além de outra exposição sobre o processo de produção de jornais na primeira metade do século XX. O acervo do museu conta com inúmeros jornais e revistas do Rio Grande do Sul, do Brasil e até mesmo de outras partes do mundo, como revistas europeias e latino-americanas. O setor educativo do museu deixou todo o acervo à disposição dos educadores e apresentou um local vazio na exposição que poderia ser utilizado de forma a criar uma nova exposição. Através do diálogo com os departamentos do museu, surgiu a ideia de desenvolver um projeto com lendas urbanas da cidade de Porto Alegre, muito pautada pela aproximação com a

data da feira do livro da cidade. A lenda escolhida foi a da Maria Degolada, devido a sua aproximação com o ambiente escolar, e, a partir daí, criou-se uma exposição que contemplasse as outras exposições já existentes no espaço do museu, integrando todas elas.

As atividades da mediação ocorreram no turno da manhã e da tarde, conforme agendamento prévio das escolas. Foram realizadas seis mediações ao todo, cinco delas com turmas de ensino médio, que tinham entre 21 a 45 alunos, acompanhadas de seus professores responsáveis e uma destinada ao público geral, no sábado à tarde, que contou com a presença 45 pessoas, inscritas previamente via e-mail. As turmas eram divididas em dois grupos e a atividade durava em torno de 80 minutos. O grupo de visitantes era dividido entre duas duplas de educadores. As duplas variavam de forma que os quatro mediadores pudessem percorrer as quatro etapas da mediação nos dois circuitos possíveis e com um colega diferente.

O grupo de mediadores era composto por três homens e uma mulher. As quatro etapas da mediação foram divididas em: 1) O Fato - Cena do Crime – história de Maria Francelina e de seu assassinato; 2) História Oral e Visual – como a comunidade interpretou o fato, criou lendas a partir disso e, por meio do sincretismo, transformou Maria Francelina em Maria da Conceição; 3) As fontes – narrativa jornalística – como Maria foi representada e tratada nessas fontes, culpada ou vítima? e 4) Narrativa Fílmica – filmes e o arquétipo da lenda que a transformou em Maria Degolada.

Os grupos de visitantes divididos e acompanhados por uma dupla de mediadores poderiam começar ou pelo começo (narrativa 1) ou pelo fim (narrativa 4). Cada grupo de estudantes recebia no início da mediação um livro construído pelos mediadores, com perguntas previamente escritas que visavam tensionar o que estava sendo observado. Os livros foram intitulados como: 1) “comece pelo começo...” e 2) “comece pelo fim...”, estando as perguntas organizadas conforme o circuito que seria percorrido pelo grupo. Os estudantes foram convidados a responder as perguntas que se sentissem mais à vontade e da forma que desejassem (desenho, poema, texto dissertativo...), sendo optativo colocar seu nome ou não.

Em três mediações, com escolas diferentes, os grupos mediados pela dupla em que a única mulher do grupo de mediadores estava foram compostos majoritariamente por meninas. Nos 3 casos presenciados, os grupos mediados eram compostos por 14 a 15 meninas e 1 menino. O que possibilitou cenas em que as meninas falavam abertamente suas opiniões sobre o tema, relacionando com suas

histórias, se identificando com a personagem da lenda, denunciando as marcas de gênero na história do caso de Maria e reconstruindo sua narrativa. Situação que não foi observada com tanta força nas duplas compostas apenas por homens; conforme constatado após diálogo entre os mediadores na troca de relatos de suas mediações. Em vista disso, surgiram as seguintes questões: é possível perceber a representatividade feminina, enquanto educadora, como auxiliar no processo educativo, fundamentando a construção de debates de temas sensíveis como feminicídio e questões de gênero? Como o ensino de história atua na reconstrução de narrativas marcadas pela dominação de gênero?

O decorrer do projeto possibilitou perceber uma afinidade entre mediadora e estudantes, gerando um ambiente favorável para a discussão de temas sensíveis. O que permitiu a análise e discussão do tema proposto pela mediação e a capacidade de (re)construir a história de Maria Francelina/Maria da Conceição/Maria Degolada, percebendo a marca da dominação de gênero presente nessas narrativas. A partir disso, este artigo tem por objetivos perceber a representatividade feminina como fundamental para o processo educativo, a partir da análise do caso vivenciado no Museu da Comunicação, compreendendo a importância da presença feminina enquanto educadora na construção de debates de temas como feminicídio e questão de gênero; e perceber como o ensino de história atua na reconstrução de narrativas com temas sensíveis para estudantes mulheres.

A música escrita pela artista Elza Soares, intitulada “Maria da Vila Matilde”, se relaciona com uma das falas feita por uma das estudantes durante a mediação. Segundo a estudante: “talvez as mulheres sejam assombrações que se vingam nas histórias de terror porque é a única forma que as mulheres têm de se vingar pelo que fizeram e fazem com elas!”. Elza Soares, na música aqui citada, apresenta mais um caso de abuso e violência doméstica. Entretanto, ela consegue se posicionar e denuncia o companheiro. Assim como esta Maria, muitas outras Marias sofrem da mesma violência, dentro e fora de casa. Porém nem todas têm a mesma possibilidade que a da Vila Matilde, como é o caso da Maria da Conceição.

O ensino de história relacionado com a educação patrimonial permite observar as continuidades e discontinuidades presentes nas histórias e na memória coletiva e como um passado pode se fazer ainda presente. Elza Soares, ao apontar mais um caso de abuso e violência contra a mulher, mostra como ainda é necessário desenvolver conhecimentos sobre a questão de gênero nas narrativas históricas e encontrar os abusos passados ainda presentes. É em homenagem a estas muitas

Marias, movida pelo conhecimento histórico, buscando a reparação e a verdade sobre suas histórias, que surgiu a mediação no estágio curricular de docência em História - Educação Patrimonial que se pauta neste artigo.

"Quem conta um conto aumenta um ponto: o imaginário da cidade de Porto Alegre"

O presente artigo parte da proposta de ação educativa desenvolvida no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. O Museu foi criado em 10 de setembro de 1974, e seu nome homenageia o fundador do primeiro jornal brasileiro, o *Correio Braziliense*, que circulou entre 1808 e 1822. O prédio que sedia o museu também tem importância histórica: foi a sede do periódico *A Reforma*, órgão do Partido Republicano do Rio Grande do Sul, que circulou de 1884 até 1937, quando foi fechado pelo Estado Novo. Intimamente ligado à história do Rio Grande do Sul e do Brasil, o museu teve que lidar inclusive com os tempos de censura da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) ao ter seu primeiro editor, Sérgio Dillenburg, afastado após a exibição de um filme soviético na Assembleia, considerado subversivo à época.

A mediação realizada no museu teve como temática o conceito de 'narrativa'. Seja ela uma narrativa histórica (historiográfica), oral, fílmica, literária, jornalística ou folclórica/mítica. Tais elementos são observados como formas existentes de se contar histórias, sem perder as ligações entre o conhecimento produzido na academia, no ramo das artes, ou no espaço das culturas populares. Para tanto, foi utilizado como fio condutor um caso de assassinato, ocorrido em 1899, na atual Vila Maria da Conceição, em Porto Alegre. Anteriormente a região era conhecida como Morro do Hospício, por se localizar próximo ao Hospital Psiquiátrico São Pedro. A vila, atualmente, leva esse nome em homenagem a Maria Francelina Trench, vítima de feminicídio. Nascida na Alemanha, em 1878, migrou para o Brasil e se alocou no morro aqui citado. Segundo os relatos das testemunhas, descritos no Processo Crime, Bruno e Maria estavam em um piquenique no Morro do Hospício, junto de outros casais, quando ocorreu o crime. As testemunhas (apenas homens testemunharam), afirmaram que o casal começou a brigar e teriam se afastado dos demais. Bruno teria então puxado uma faca e degolado Maria. As testemunhas afirmaram que não tiveram tempo de interferir na ação. Maria foi então degolada por Bruno Soares Bicudo, soldado da brigada militar do Rio Grande do Sul, em 12 de novembro de 1899, quando tinha 21 anos, o que acabou gerando grande comoção na comunidade.

Parte das informações sobre o caso foram retiradas do Processo Crime registrado em 1899 contra Bruno Soares Bicudo e disponibilizado pelo Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. O Arquivo também disponibilizou para o projeto materiais complementares sobre o caso, como a transcrição do jornal *A Gazetinha*, edição do dia 13 de novembro de 1899, que noticiou o assassinato. Tanto o Processo Crime quanto a transcrição do jornal foram utilizados durante a mediação com o público. O material enviado pelo Arquivo contava também com uma história em quadrinhos sobre a Maria Degolada, com imagens da comunidade (passado e presente), do santuário construído em sua homenagem, a imagem da placa em homenagem ao centenário da morte de Maria exposta no cemitério da Santa Casa e imagens da casa de correção para onde Bruno foi enviado após o julgamento. Todos esses materiais também foram expostos durante as mediações.

A partir da morte de Maria, várias narrativas passaram a circular, seja na imprensa, seja através da oralidade, sobre o caso. Por um lado, houve a defesa do ato, ligando-o à defesa da honra de Bruno, que teria sido provocada por uma suposta traição afetiva de sua amante (revista *O Cruzeiro*, edição de 1958, disponível no acervo do próprio museu e exposto na mediação; jornal *A Gazetinha*, edição de 1899) ou pela recusa de uma prostituta ao amor de Bruno (jornal *A Reforma*, edição de 1899 disponível também no acervo do museu e exposto na mediação). Enquanto, no outro extremo, Maria passou a ser considerada uma divindade, sendo relacionada à Nossa Senhora da Conceição (*O Cruzeiro*). Como aponta Kerber (2004), as entrevistas realizadas na comunidade demonstram que ainda há uma disputa sobre a imagem de Maria na lenda da Maria Degolada. Seria ela uma mulher de família morta injustamente, uma companheira adúltera, uma amante ou uma prostituta? Segundo o autor, o mito ainda se mantém em uma “dinâmica de construção até os dias atuais, independente da versão oficial” (KERBER, 2004 p. 66).

De acordo com Kerber, “seu túmulo existe até hoje e foi construído pela própria comunidade [...] Lá, levam-se flores e pede-se ajuda a esta que, para muitos, é considerada santa” (2004, p. 66). As lendas ao redor de sua história classificam-na como protetora da região, que se nega a abençoar pessoas dos corpos de polícia (SANTOS, 2015, p. 274) - uma ligação direta com o seu agressor e com a relação da opressão policial presente no morro. Bruno, seu assassino, foi um brigadeiro que cometeu o crime com 29 anos e foi preso no presídio central de Porto Alegre. Dos 30 anos de sua sentença, cumpriu apenas 7 anos. Um homem mestiço, como aparece nos arquivos, pobre e militar, no final do século

XIX. Esta figura também se apresenta como central para a problematização da construção social porto alegre, em tempos de mudanças radicais nos âmbitos políticos e sociais (CASTILHOS, 2008).

Sua história foi um fato, passou pela oralidade da comunidade local, virou notícias em jornais e revistas e, por fim, entrou no imaginário da cidade de Porto Alegre como mito e lenda. A partir dessa história, os objetivos da ação educativa foram: compreender de que forma o saber histórico é construído a partir de diferentes narrativas; entender como as narrativas sobre um fato são disputadas, ressignificadas e transformadas ao longo do tempo; debater a experiência do trabalho do historiador; compreender como diferentes formas e meios de se aproximar de uma narrativa influencia no entendimento sobre ela; problematizar a sociedade porto alegre em que Maria Francelina viveu e como as questões raciais, de classe e de gênero interligam a sua história à da cidade.

Para cumprir com os objetivos propostos, em cada mediação, os mediadores foram divididos em duplas que seriam responsáveis por acompanhar cada grupo. Cada dupla ficou responsável por guiar os grupos a partir de um dos trajetos propostos: 1) iniciando pela cena do crime onde os fatos foram exposto sem nenhum juízo de valor ou 2) iniciando pela narrativa fílmica do arquétipo feminino nos filmes de terror e que tipo de história se construiu a partir de um fato ocorrido séculos atrás. O grupo que tomou o primeiro caminho terminou a trajetória no lugar em que o outro grupo começou, e vice-versa, não havendo ausências de narrativas na exposição.

O trajeto 1 iniciava pela narrativa do fato, representada pela cena do crime, na qual foram expostos elementos que buscavam reconstituir a cena em que Maria Francelina teria sido morta. Nessa narrativa, os visitantes foram convidados a exercer um trabalho de detetive e investigar o que estava sendo observado. Na cena havia os seguintes objetos: uma árvore, uma toalha de piquenique, uma faca com “sangue”, uma cadeira e o contorno de um corpo feito com fita com a cabeça deslocada. Cada um desses elementos estava acompanhado de um número que correspondia a uma legenda da cena, que se encontrava colada na parede. Nesse momento, os visitantes recebiam o livro com as questões já escritas e eram convidados a realizar um trabalho investigativo, tentando descobrir o que havia acontecido, o que a cena representava, o que as pessoas estavam fazendo na cena e se conseguiam dizer quem era a vítima. Após esta etapa, o grupo se reunia e falava o que havia descoberto da primeira narrativa.

A segunda narrativa dizia respeito sobre a história oral e visual sobre o fato. Nessa etapa, os visitantes eram convidados a observar as imagens da Porto Alegre do final do século XIX e início do século XX e pensar como deveria ser a cidade em que Maria viveu e morreu e se era uma cidade muito diferente da atual. Havia também imagens da capela feita pela comunidade em sua homenagem, da placa homenageando seu centenário, uma suposta imagem de Maria Francelina colocada junto com um santinho da Nossa Senhora da Conceição, imagens do Processo Crime e da cerveja Maria Degolada. Após ler as imagens e discutir o que havia sido percebido pelos visitantes, e se eles viram relação entre a narrativa 1 e 2, os mediadores contavam a história da cena do crime. Nesse momento, todos se sentavam no chão e iniciava um diálogo sobre o assassinato de Maria Francelina, agora Maria da Conceição. Foram discutidas questões como: que Porto Alegre permitiu sua morte? Por que o caso dela dentre tantas mulheres assassinadas virou lenda e outras não? Ainda hoje mulheres são assassinadas pelos companheiros? Havia legislação de proteção à mulher naquela época? E hoje? Há casos de homens sendo mortos por mulheres? Por que apenas homens testemunharam no Processo Crime se havia mulheres também presentes no momento? Por que ela foi relacionada a uma santa?

Após, o grupo seguia para a terceira narrativa na qual fontes históricas foram expostas e trabalhadas com o grupo. O jornal *A Gazetinha*, a revista *O Cruzeiro* e o jornal *A Reforma* foram expostos e os visitantes foram convidados a ler as matérias que faziam referência a Maria. Os jornais *A Gazetinha* e *A Reforma* continham matérias que expunham o assassinato de Maria Francelina e a revista *O Cruzeiro* continha uma reportagem intitulada “Uma favela e duas Santas”, que contava um pouco sobre a lenda da Maria Degolada e sua santificação pela comunidade. Neles, os visitantes foram convidados a observar o que fora dito sobre o caso, se apontavam ela como vítima ou como culpada e como Bruno era retratado pela mídia. Também foi questionado quem escreveu as matérias, se eram homens ou mulheres, se eram da classe alta ou da menos abastada, se havia diferença nas datas das publicações e por que esse caso em particular foi noticiado. Nessa narrativa também foi utilizada a exposição preparada pelo museu sobre a produção de jornais na primeira metade do século XX e foi discutida a acessibilidade a notícia e quem detinha o poder de escrever e ler as informações.

A última narrativa do trajeto 1 era uma narrativa fílmica. Essa etapa foi realizada no local onde o museu havia preparado a exposição *Do Fotograma ao Cinema*, e foram acrescentadas imagens de filmes de terror, juntamente com suas respectivas sinopses. Todos os cartazes de filmes selecionados

continham imagens de mulheres e as sinopses traziam histórias parecidas sobre mulheres em busca de vingança e espíritos vingativos. Os visitantes tinham então que ler e observar esses cartazes e, após alguns minutos, o grupo se reunia para relatar suas conclusões. O objetivo foi trabalhar o arquétipo da mulher que, após sua morte (como espírito), ou ainda em vida, se vinga de seus agressores, geralmente homens. Histórias muito parecidas com a lenda da Maria Degolada. Também fazia parte dessa narrativa compreender como o cinema participa da continuidade desse arquétipo. Maria, agora Degolada, é transformada em lenda que assombra as escolas e a comunidade. Muitos dos visitantes se identificaram por a chamarem nos banheiros da escola quando eram mais novos. Percebeu-se nessa narrativa como um fato pode ser transformado e readaptado de diversas maneiras pelo imaginário social e que a representação de Maria Degolada não é única. Assim como os filmes expostos, a lenda reflete também o arquétipo da mulher vingativa, que pode ser observado na frase dita por uma das alunas durante a mediação: “Talvez as mulheres sejam assombrações que se vingam nas histórias de terror porque é a única forma que as mulheres têm de se vingar pelo que fizeram e fazem com elas!”.

O grupo que iniciava pelo trajeto 2 “Comece pelo fim...”, visitava todas as etapas da exposição, porém na ordem contrária, começando pela narrativa 4 e terminando na narrativa 1. O objetivo de quem iniciava pelo trajeto 1 era observar como pode haver diversas versões sobre um acontecimento, explorando o trabalho do historiador e percebendo que é possível reconstruir a história a partir de diversas fontes. O objetivo de quem iniciava pelo trajeto 2 era observar como uma história pode ser reconstruída partindo de sua atualidade e, através da análise de fontes diversas, buscar uma proximidade com o ocorrido em sua própria época. Quem iniciava pelo trajeto 1, acabava por compreender a história de Maria Francelina de forma mais cronológica, apontando as transformações que a personagem sofreu ao longo do tempo, até se transformar em lenda. Quem iniciava pelo trajeto 2, acabava observando as muitas marias que existiram e percebendo mais o machismo presente na narrativa que a tornou Maria Degolada.

Os objetivos da exposição anteriormente citados foram desenvolvidos com base no contato das turmas com os objetos expostos, como equipamentos de gravação e edição de filmes, edições jornalísticas e suas cópias impressas (para maior contato das turmas). Além do acervo fotográfico do museu, de livros, pôsteres e demais artefatos que fazem parte de produções narrativas, sejam quais forem os segmentos, e com a cena do crime remontada, onde o trabalho investigativo foi provocado

nos educandos. Durante todo esse trajeto, os alunos e as alunas tinham à sua disposição um caderno/livro personalizado pelos mediadores.

Durante a exposição elaborada, em três mediações distintas, das 6 realizadas pelos mediadores, o grupo de estudantes que acompanhou a dupla em que estava a mulher, foi composto por 14 a 15 meninas e 1 menino e por professoras mulheres que acompanhavam o grupo. Enquanto os grupos que acompanharam a dupla dos outros mediadores (ambos homens) eram bastante diversos e mistos, com meninos e meninas. Durante a realização da mediação, percebeu-se que, em algumas situações, as meninas se sentiam mais à vontade para questionar, tencionar e opinar sobre o caso de feminicídio, discutido e trazendo alguns relatos de suas vidas pessoais, sobre as várias versões de narrativa que se construiu sobre o caso (que apontam a vítima como prostituta, amante e namorada) e sobre como ainda há muitos casos como o dela, mesmo com as leis atuais de proteção à mulher. Havendo uma questão latente das relações de gênero que as estudantes apresentavam como sendo vital para compreender o caso.

A partir dessa experiência, pode-se perceber que provavelmente há um ambiente aberto e disponível para essas alunas quando o mediador ou o professor é uma mulher. Elas se sentiram mais à vontade para falar e pensar a sociedade a sua volta e sobre o passado proposto na atividade. Situação que pode ser constatada após o diálogo com os outros mediadores. O ambiente de sororidade² proporcionado pela presença feminina junto à educadora, quando esta está disposta a abrir o ambiente para tanto, permite que haja um processo educativo de representatividade, de resistência e de autoafirmação.

² O termo sororidade possui múltiplos contornos. Conforme analisado por Tatiane Leal (2019), em sua tese de doutorado, sororidade pode ser pensada de diversas maneiras. Em sua origem etimológica, “Do latim, *soror* (irmã), o termo significa uma espécie de solidariedade ou empatia entre mulheres” (LEAL, p. 16). Podendo ser também uma “manifestação sagrada da essência feminina” ou um “compromisso ético de prática feminista” (LEAL, p. 84). Segundo ela, “seria possível formular a hipótese de que sororidade é um chamado ético que interpela os feminismos contemporâneos, com base em um sentimento [...] partilhado por uma irmandade imaginada de mulheres” (LEAL, p. 22). Empatia e solidariedade não seriam, portanto, segundo a autora, palavras suficientes para expressar o que o ativismo contemporâneo declara sentir em relação a outras mulheres. Ela propõe a ideia de *invenção da sororidade* enquanto ações e práticas consideradas boas e desejáveis para as mulheres em suas relações sociais. Estando essas ações vinculadas ao campo da ética e as formas de sociabilidade feminina. Sororidade é vista então como um sentimento capaz de impulsionar ações, movimentos e campanhas de ações sociais de mulheres para mulheres, em nome da coletividade feminina. O ambiente proporcionado na mediação permitiu o vínculo entre o caso apresentado e as estudantes e que estas repensassem novas narrativas para a vítima e para si próprias.

Gênero, Temas Sensíveis e Representatividade Feminina no Processo Educativo

As construções de narrativas históricas como a lenda da Maria Degolada são marcadas pela dominação de gênero. Quando se percebe o gênero como "[...] um elemento constitutivo das relações sociais [...] e uma maneira primária de significar relações de poder" (SCOTT, 1994, p. 12), se compreende que as narrativas feitas logo após a morte de Maria Francelina são marcadas por essas relações. Das quatro narrativas desenvolvidas com os estudantes durante a mediação, em três delas Maria Francelina/Maria da Conceição/Maria Degolada foi retratada com culpada pelo ocorrido.

A identidade do ser mulher e seu papel social, como observa Guacira Lopes Louro (2008, p. 17), é um "modo de ser e de estar no mundo" que não resulta de um único ato, mas que se constitui a partir de uma construção. Segundo Louro (2008, p.18), nada há de natural ou dado no ser homem e no ser mulher, ambos são processos desenvolvidos no âmbito da cultura. Maria foi considerada culpada de sua própria morte, por ser uma "amante traidora", "companheira traidora" ou "prostituta que negou um cliente". A dominação de gênero presente nessas narrativas vem desde o século XIX (quando ocorreu seu assassinato, mas também bem antes disso) até os dias atuais vivenciados pelos estudantes que participaram da mediação.

A abordagem dos temas sensíveis guarda estreita conexão com a educação em direitos humanos, pois muitos dos episódios ali estudados implicaram sua violação. Nesse contexto, a formação docente é interpelada por diferentes narrativas ligadas a um passado que cobra respostas, coloca em questão as grandes narrativas e transforma os fatos passados em problemas do presente. Os acontecimentos traumáticos têm forte presença e convocam o educador a pensar o ensino de História diante dos acontecimentos-limite (SEFFNER; PEREIRA; PACIEVITCH; GIL, 2018, p. 90).

O debate de temas sensíveis, como proposto na mediação, permite que os estudantes percebam o passado como interpretação, a partir dos sentidos que atribuímos a ele.

Quando há professores (independente da identidade de gênero) dispostos a propor um ambiente escolar aberto ao processo de humanização e conscientes de seus papéis enquanto educadores (REIDEL, 2013), há a possibilidade de um ambiente favorável às discussões de temas sensíveis. "A formação docente necessita oferecer espaço para as sensibilidades e o diálogo singular, que estabelece vínculos com a memória e os temas difíceis, revitalizando as relações entre o presente e o passado na perspectiva da educação em direitos humanos" (SEFFNER; PEREIRA;

PACIEVITCH; GIL, p. 91). Ao trazer para a mediação o caso de feminicídio de Maria Francelina/Maria da Conceição e como as diferentes narrativas sobre o ocorrido a transformou na lenda da Maria Degolada, a violência sobre o corpo dessa mulher e de muitas outras foi colocada para o debate.

Os meninos se sentiram desconfortáveis em muitas situações, principalmente quando apontado que muitas narrativas traziam Maria como a culpada pelo ocorrido. A brutalidade de sua morte e o poder sobre o corpo feminino também foi motivo de espanto para muitos. As meninas tinham expressões diferentes. Elas apresentavam indignação e revolta, tanto pelo caso apresentado como pela proximidade com a realidade atual, trazendo notícias de mulheres que tiveram um destino parecido com o de Maria Francelina e que também foram culpabilizadas. Muitas relataram como ainda é permanente a violência contra a mulher, seja ela dentro ou fora de casa, apesar das leis de proteção a mulher, e como o discurso sobre sua culpa ainda é algo permanente, fazendo relações com suas próprias histórias.

A existência de uma professora mulher mediando uma oficina de ensino de História sobre um caso de feminicídio, que teve sua narrativa marcada pela dominação de gênero, e propondo este debate abertamente permitiu uma experiência importante na construção de mulheres enquanto professoras. Oportunizar um ambiente que possibilitasse a reconstrução dessas narrativas marcadas pela dominação de gênero com meninas e meninos é vital para a educação patrimonial e para o ensino de História. O papel social de ser mulher e professora faz com que seja possível perceber como é importante a representatividade feminina na sala de aula enquanto educadoras. Percebeu-se que, ao propor o espaço de debate e (re)construção da narrativa histórica, observando como as questões de gênero estão intrínsecas nessas narrativas, há um processo educativo efetivo de debate dos temas sensíveis, como violência contra a mulher. O debate com as estudantes e a percepção de que as narrativas que culpabilizam a mulher pela violência ocorrida contra elas são também construções datadas historicamente, possibilitou desconstruir as narrativas e reconstruí-las.

"Triste, louca ou má / Será qualificada / Ela quem recusar"³

A mediação participativa proposta no Museu Hipólito José da Costa resultou, entre outras coisas, na construção coletiva de dois livros, tanto pelos mediadores como pelos que visitaram a exposição "Quem conta um conto aumenta um ponto: o imaginário da cidade de Porto Alegre". Os livros foram intitulados como: 1) "Comece pelo começo..." e 2) "Comece pelo fim..." e foram construídos pelos mediadores. Os estudantes recebiam cada livro conforme o trajeto que seus grupos iniciavam a mediação. A partir de perguntas já transcritas pelos mediadores, os visitantes foram convidados a responder as questões que se sentissem à vontade para responder, sendo optativo colocar nome ou não⁴.

O livro 1 correspondia ao trajeto 1- "Comece pelo começo..." e continha as narrativas na ordem: 1) O fato, 2) Oral e Visual, 3) As Fontes: jornais e 4) Fílmica. O livro 2 correspondia ao trajeto 2 – "Comece pelo fim..." e continha as narrativas na ordem: 4) Fílmica, 3) As fontes: jornais, 2) Oral e Visual e 1) O fato. Dentre as perguntas e respostas presentes nos livros, foram selecionadas as que apresentavam diferentes narrativas sobre Maria Francelina/Maria da Conceição/Maria Degolada. O objetivo será discutir a construção de narrativas marcadas pela dominação de gênero sobre Maria, enfatizando o ensino de história na construção deste questionário e suas respostas e a representação da identidade de Maria nestes relatos.

No livro 1 "Comece pelo Começo...", uma das perguntas da 1ª narrativa questionava: "O que mais chamou a atenção nesta cena?". Uma das respostas foi: "Que mesmo todos os homens daquela festa estando acompanhados de suas parceiras, logo depois do crime na hora de testemunhar somente os homens testemunharam". Observa-se que o que mais chocou foi o fato de apenas homens terem dado seu testemunho sobre o caso, quando na verdade havia homens e mulheres presentes. A dominação de gênero sobre a narrativa de Maria foi perceptível para este estudante.

Os diálogos ocorridos na mediação perante este fato foram em volta do questionamento de como se poderia ter uma narrativa imparcial do ocorrido quando apenas determinado sexo, que detinha

³ Trecho da música "Triste, Louca ou má" do grupo Francisco, el Hombre. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/francisco-el-hombre/triste-louca-ou-ma/>. Acesso em: 17 nov 2019.

⁴ Para os fins deste artigo, não se faz necessário expor o nome dos estudantes que optaram por colocá-lo. Os estudantes foram instruídos a responder as questões livremente, com a ressalva de não poder escrever como resposta "sim", "não", "talvez" ou "não sei".

o poder, pode testemunhar. No livro 2 “comece pelo fim...”, a 2ª narrativa trazia a seguinte questão: “Sobre as narrativas produzidas pela comunidade, como você explica as outras versões?”. Em que um estudante respondeu: “Entendi que naquela época faltou informações vindas de quem presenciou o crime. Que as pessoas tiraram suas próprias conclusões”.

Juntando as duas respostas, podemos perceber que os estudantes observaram como a falta de informação impossibilita a construção de uma narrativa mais complexa e possivelmente mais de acordo com o ocorrido. Também pode-se perceber que os estudantes compreenderam, através do ensino de história, que as narrativas são construídas por meio de fragmentos do passado. As diversas narrativas sobre a mulher que recusa um homem ou que o trai são utilizadas para validar atos contra ela. Como apontado pelos estudantes, houve um grupo específico de pessoas que relatou a morte de Maria Francelina.

A dominação de gênero sobre sua história foi apontada pelos próprios visitantes. Guacira Lopes Louro observa que

Distintas e divergentes representações podem, pois, circular e produzir efeitos sociais. Algumas delas, contudo, ganham uma visibilidade e uma força tão grandes que deixam de ser percebidas como representações e são tomadas como sendo a realidade. Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc.) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmo, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos “outros” (sobre os outros). (LOURO, 2000. p. 9).

Os estudantes perceberam, ao longo da mediação, como a narrativa histórica do ocorrido com Maria Francelina estava marcada pelas relações de gênero e de poder. A construção do imaginário social do final do século XIX e início do XX permitiu que ela fosse representada como prostituta, como amante e como traidora.

Até mesmo as narrativas que apontavam ela como santa traziam Bruno como uma vítima de sua postura enquanto mulher naquela sociedade. Como pode ser observado pela pergunta do livro 1 sobre “O que esta narrativa conta?”, onde alguém respondeu “Que o poder de base de uma sociedade se dá pelas pessoas, e sua construção depende muito do certo e errado acertado naquele contexto social. Que no fim, conta apenas uma história, ou lenda, um fato, de uma mulher sendo degolada, por pura conveniência do Carlos Brum”.

Ao observarmos no livro 2, a questão referente a 1º narrativa “Qual é a história que você aprendeu no Museu sobre a Maria Francelina?”, obtivemos duas respostas interessantes: a resposta 1 dizia “A história de um feminicídio, que na época, não era visto como tal. A mulher culpabilizada pelo próprio assassinato, e com a história disseminada pela boca do povo, transformada em lenda urbana”; a resposta 2 dizia “A história de uma mulher vítima de feminicídio no fim do século XIX a partir de diferentes tipos de narrativas produzidas em dois momentos: imediatamente após o assassinato e meio século depois, quando a mulher tornou-se personagem de Porto Alegre”. Em ambas as respostas, percebemos que o caso foi reconhecido como feminicídio por ambos os visitantes.

Percebemos também como o ensino de história estrutura suas respostas na medida em que são produzidas ao final da mediação, depois de terem percorrido todo o trajeto proposto no museu. Eles enfatizam o feminicídio, a construção das narrativas em diferentes momentos e por públicos diferentes e como o imaginário da cidade de Porto Alegre se vincula a este processo. Diferente da resposta à questão do primeiro livro, onde a perspectiva da narrativa e sua construção ainda não é observada. Porém, a violência e o poder estão mais marcados na resposta do livro 1.

As possibilidades da sexualidade, como apontado por Guacira Lopes (2000), sobre as formas de se expressar os desejos e prazeres, também são socialmente estabelecidas e codificadas. “As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 2000, p. 6). Se Maria foi ou não prostituta ou traidora, não deveria importar para o caso. Sua morte não é justificada em nenhuma circunstância. Os estudantes compreenderam que as narrativas apresentadas na mediação são datadas historicamente e que elas foram possíveis devido às redes de poder daquela sociedade que moldou o imaginário social que as construiu. Quando percebem que o passado é uma interpretação, a partir dos sentidos que atribuímos a ele, os estudantes conseguem construir suas próprias narrativas sobre o caso. Percebemos aqui como o ensino de história atua na reconstrução de narrativas marcadas pela dominação de gênero.

O livro 1 trazia também a questão referente a 4º narrativa: “O que você sabe sobre a lenda da “Maria Degolada”?”. A qual uma das respostas foi: “Mesmo a Maria sendo a vítima do que Brum fez com ela, foi taxada como culpada. E apenas muitos anos depois, viu-se que a culpa não era dela, e ela também foi considerada uma santa”. E “Como são as mulheres dos filmes de terror?”. Que teve como resposta: “mulheres surtadas que voltam para se vingar”. O objetivo desta 4º narrativa era tencionar

como um fato histórico se transforma em lenda ou filme e como o arquétipo da mulher louca e vingativa é repetido em diversas dessas narrativas. Os estudantes observaram que, mesmo ela sendo a vítima, apenas anos depois ela deixou de ser considerada culpada, sendo inclusive santificada pela comunidade em que ela viveu. Eles também perceberam que há uma característica em comum nas mulheres representadas nos filmes de terror com a lenda, elas são “surtadas que voltam para se vingar”.

A mulher é “triste, louca ou má” sempre. Era assim no tempo do assassinato de Maria Francelina e continua sendo atualmente nos filmes que assistimos. Guacira Lopes Louro observa que “essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições e agrupamentos sociais” (LOURO, 2000, p. 6). Essas múltiplas identidades atribuídas à Maria podem ser rejeitadas e abandonadas, dando lugar a uma nova perspectiva sobre seu caso. O que foi possível perceber quando foi exposto aos estudantes o caso de seu assassinato a partir da análise histórica, com os fragmentos e narrativas desenvolvidos ao longo dos anos.

Por fim, há ainda uma última resposta para ser considerada. No livro 2, a 3ª narrativa trazia a seguinte questão: “Ela foi considerada vítima ou culpada? Há diferença no ano de publicação dos jornais?”. A qual tivemos a seguinte resposta: “Ela foi vítima, mas considerada como culpada pelas circunstâncias do ocorrido. Por ser mulher, e ainda por cima viver de forma não 'digna'. Viver do sexo, não se envolvendo amorosamente com o sexo oposto. só pelo prazer ou pelo dinheiro”. As narrativas de Maria, independente de qual das marias estamos falando, são extremamente marcadas pela dominação de gênero. No discurso ou na realidade, a mediação possibilitou aos estudantes que percebessem essa relação de dominação e que pudessem reconstruir sua própria narrativa da Lenda da Maria Degolada. Eles conseguiram observar diversas formas de se contar a mesma história e de se compreender a mesma pessoa. Como observa Chimamanda Ngozi (2009) em palestra do TED Talk, uma história única sobre uma pessoa ou um lugar é um perigo para o saber histórico.

A percepção de como o ensino de história atua na reconstrução de narrativas com temas sensíveis para estudantes mulheres revelou-se uma experiência transformadora. A construção de narrativas marcadas pela dominação de gênero sobre Maria permitiu observar como existem diferentes representações de sua identidade nestes relatos. Segundo Louro (2000, p. 8), “De acordo com as diversas imposições culturais”, nós construímos os corpos e as narrativas “de modo a adequá-los aos

critérios estéticos [...], morais, dos grupos a que pertencemos”. As imposições culturais, segundo a autora, são distintas e diferentemente atribuídas aos corpos de homens e mulheres. Ao tencionar como as diversas narrativas sobre a mulher que recusa um homem ou que trai é transformada para validar atos contra ela, foram observadas distintas representações de Maria Francelina presente nas respostas. Permitindo observar que, na medida em que a mediação foi avançando, a imagem fixa que se tinha do caso da Lenda Maria Degolada foi sendo alterada e como ainda há muitas Marias buscando que suas histórias sejam (re)construídas.

Considerações Finais

À mulher que recusa ou trai um homem se destina o rótulo que a culpabiliza pelas ações tomadas contra ela. Ela pode ser triste, louca ou má, como na música do grupo Francisco, el hombre. Ela pode ser traidora ou prostituta. Independentemente de como for rotulada, a narrativa escrita sobre sua situação é marcada pela dominação de gênero. Perceber que o passado é uma interpretação, de sua própria época e do presente, permite que, a partir do ensino de história, essas narrativas possam ser (re)construídas.

A música da artista Elza Soares, intitulada “Maria da Vila Matilde”, recorda e denuncia a vida de muitas Marias que sofreram e ainda sofrem com a violência contra a mulher. Apesar de na música Maria conseguir se posicionar e denunciar o companheiro, muitas outras Marias não tem o mesmo destino. Maria Francelina/Maria da Conceição/Maria Degolada tiveram suas narrativas marcadas pela dominação de gênero que determinou como sua história seria contada. O conhecimento histórico e o ensino de história, têm como um de seus compromissos reparar essas narrativas, percebendo suas construções e buscando maior veracidade sobre as histórias dessas muitas Marias.

A partir da atividade proposta e realizada no *Museu da Comunicação Hipólito José da Costa*, os visitantes conseguiram, a partir do ensino de História e da educação patrimonial, perceber que o conhecimento histórico é construído a partir de diversas fontes e de fragmentos do passado. Na medida em que a mediação foi sendo realizada, eles conseguiram compreender que é possível construir conhecimento a partir de uma lenda, neste caso, como o imaginário da cidade de Porto Alegre pode ser reconstituído a partir de quatro narrativas distintas. Eles conseguiram também entender como as narrativas sobre um fato são datadas historicamente e sofrem disputas, são resinificadas e

transformadas ao longo do tempo. Assim como as diferentes formas de se aproximar de uma narrativa influenciam no entendimento sobre ela.

Com base no ensino de História, também foi possível aos estudantes observar as continuidades e descontinuidades presentes nas histórias e na memória coletiva, analisando como o passado ainda pode se fazer presente. Assim como perceber que a falta de informação impossibilita a construção de uma narrativa mais complexa e mais de acordo com o ocorrido, e que sempre deve ser observado quem conta a narrativa. A partir da visita mediada, os visitantes conseguiram perceber os objetos como fontes históricas e portadores de memórias, conforme apontado por Siman (2003). Podendo assim observar a temporalidade das sociedades, pensando a Porto Alegre em que Maria viveu e a que eles mesmos vivem. Por fim, foi possível, a partir da mediação, que os visitantes analisassem criticamente a lenda da Maria Degolada e perceber como ela se transformou com o tempo, assim como compreenderam que as variáveis de quem fala, quando e onde interferem na narrativa histórica. Eles perceberam como as questões de gênero transpassam as histórias e, a partir disso, reconstruíram as narrativas de Maria, relacionando com casos da atualidade.

A mediação no estágio curricular de docência em história - educação patrimonial sobre a lenda da Maria Degolada também permitiu um ambiente onde a representatividade feminina no espaço educativo trouxesse debates de temas sensíveis como feminicídio e dominação de gênero nas narrativas. O espaço aberto ao debate, possibilitou a participação dos estudantes na mediação percebendo a dominação de gênero na narrativa de Maria Francelina e problematizando essa questão a partir de sua própria experiência. O ensino de história vinculado a educação patrimonial e voltado para o debate de temas sensíveis, neste caso para a discussão do feminicídio e da violência contra a mulher, é também feito para que frases como “cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim” sejam cada vez mais ditas e ouvidas.

Referências bibliográficas:

CASTILHOS, Carlos Daniel de & Constantino, Núncia Maria S. de (orientadora). **Maria Francelina Trens, a Maria Degolada, e a População Urbana Marginal em Porto Alegre na virada do Século XIX**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2008.

FLORÊNCIO, Sonia et al. Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília: **IPHAN**, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/1VhZXdQ>. Acesso em: 08 ago. 2019.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- KERBER, Alessander. O mito da Maria Degolada: estudo sobre as representações de um espaço da cidade de Porto Alegre. In: **Biblos**, Rio Grande. p. 63-71. 2004. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/56455>. Acesso em 17/10/2019.
- LEAL, Tatiane. **A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. Gender and sexuality: contemporary pedagogies. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n.2 (56), p. 17-23, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O CORPO EDUCADO: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-34.
- PESAVENTO, Sandra. Lugares Malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.19, n.37, set. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19/10/2019.
- REIDEL, Marina. **A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013, p. 6. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98604>.
- SANTOS, Conceição Aparecida dos. As santas da Vila Maria da Conceição. In: **Religiões e temas de pesquisa contemporâneos: diálogos antropológicos** / org. Fátima Tavares e Emerson Giumbelli. - Salvador : EDUFBA : ABA Publicações, 2015, pág. 273-304.
- SCIFONI, Simone. Conhecer para preservar: uma ideia fora do tempo. Rev. **CPC**, São Paulo, n.27 especial, p.14-31, jan./jul. 2019.
- SCOTT, Joan W. Prefácio à Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, v. 3, 1994.
- SEFFNER, F.; PEREIRA, N. Mullet; PACIEVITCH, C.; GIL, C. Zeli de Vargas. Formação docente em história: conhecimentos sensíveis, memórias e diálogos. Em: **La Salle: Revista de educação, ciência e cultura**. Canoas, RS. Vol.23, n.2 (jul. 2018).
- SIMAN, Lana Mara. Cidade: um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas. In: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara. **Cidade, Memória e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013, p.41-58.
- SIMON, Nina. The participatory museum. Disponível em: www.participatorymuseum.org/ Acesso em: 02 abr. 2017.
- STORCK, Damaris Fabiane; JANZEN, Henrique Evaldo. Autoria, Intervenções e Deslocamento Cultural: uma análise intercultural. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.38, b.1, p. 319-337, jan./mar. 2013.
- TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação patrimonial decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. In: **Silloge**, v. 1, n. 1, p. 41-60, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2GTKS3G>. Acesso em 19/10/2019.

Fontes:

A GAZETINHA: Revista carioca. Rio de Janeiro: Ed. A Gazetinha, 13 de nov. de 1899.

A REFORMA: Jornal de distribuição regional. Porto Alegre: Ed A Reforma, 14 de nov. de 1899.

O CRUZEIRO: Revista semanal de distribuição nacional. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 06 de dez. de 1958.